

Considerações sobre a interdisciplinaridade como necessidade no campo da Educação

Esméria de Lourdes Saveli¹

RESUMO

O presente texto tem por objetivo discutir criticamente a posição assumida por FAZENDA no seu livro: *Interdisciplinaridade: História, Teoria e Pesquisa*. Campinas: Papyrus, 1995.

Palavras-chave: interdisciplinaridade, educação

A professora Ivani Catarina Arantes Fazenda é autora de mais de uma dezena de livros na área da educação. A interdisciplinaridade e a metodologia de pesquisa educacional constituem o foco de suas investigações. Coordena, desde 1986, o Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Interdisciplinaridade na PUC-SP, onde já foram produzidos cerca de quarenta trabalhos, entre dissertações de mestrado e teses de doutoramento. **Interdisciplinaridade: História, Teoria e Pesquisa** é o 13º livro da

autora.

O referido livro está organizado por vários textos produzidos, pela autora, entre os anos de 75 a 94, apresentados em congressos, conferências e ou publicados em revistas. Essa organização permite uma leitura não seqüencial da obra, já que os textos são independentes um do outro, e muitas discussões se repetem ao longo dos diversos textos, o que compromete uma certa unidade do livro.

Inicialmente, a autora delinea ao leitor a sua trajetória acadêmica in-

¹ Docente do Deptº de Educação da Universidade Estadual de Ponta Grossa e Doutoranda em Educação/UNICAMP- Campinas

formando-o que iniciou a pesquisa sobre a interdisciplinaridade no começo da década de 70 e que em 1990, debruçou sobre os caminhos percorridos, para uma reflexão crítica, que lhe possibilitou perceber alguns ganhos e a indicação de novas direções.

Segundo a autora, o seu trabalho de pesquisa tem lhe indicado que é possível a construção de uma única, absoluta e geral teoria da interdisciplinaridade contudo, é fundamental compreender o movimento pelo qual os estudiosos da interdisciplinaridade têm convergido nas três últimas décadas. Aponta que o objetivo do presente trabalho será explicitar as faces e contradições desse movimento.

A primeira preocupação, da autora, é esclarecer ao leitor que em todos os teóricos, pesquisados por ela, que tratam da interdisciplinaridade, foi encontrada a discussão sobre a necessidade da superação da dicotomia ciência/existência, no trato da questão. A categoria TOTALIDADE é a explicitada, pela autora, como fundamental para pensar a interdisciplinaridade. Afirma, ainda, que muitos estudiosos têm proclamado uma verdadeira crise das ciências. Essa posição exige que qualquer atividade interdisciplinar, seja ela de pesquisa ou de ensino, requer o mergulho nas questões epistemológicas

mais fundamentais e atuais. Para a autora, o exercício da interdisciplinaridade facilitaria o enfrentamento dessa crise do conhecimento e das ciências.

Ela propõe como caminho a ser percorrido, para compreender as incertezas e as dúvidas, visitar Sócrates, aquele que primeiro colocou a dúvida: “**Conhece-te a ti mesmo. Conhecer a si mesmo é conhecer em totalidade, interdisciplinarmente.**”(p.15). A autora, constrói o seu discurso argumentativo, partindo do princípio de que a totalidade só é possível pela busca da interioridade. Afirma: “**Do conhecimento de mim mesmo ao conhecimento da totalidade.**”(p.15). Aponta a interioridade como um exercício de humildade onde o sujeito partindo do conhecimento interior busca o conhecimento exterior, do mundo.

Penso, que essa argumentação, reduz a interdisciplinaridade a uma subjetividade voluntarista, característica das filosofias do sujeito². Não é gratuitamente que ela se apóia em Sócrates, nesse caso a interdisciplinaridade é tomada numa concepção a-histórica onde se desconsidera a tensão entre o sujeito pensante e as condições objetivas para o pensamento.

É importante ter claro, que a construção histórica do conhecimento exige a relação tensional entre o objeto,

² A filosofia do sujeito não é articulada/elaborada por nenhuma escola/tendência/corrente filosófica específica. Ela põe-se de fato, em várias acepções. Grosso modo caracteriza-se por privilegiar a ação do sujeito sobre o objeto, de modo a tornar o sujeito um absoluto na construção do conhecimento e do pensamento.

o sujeito pensante e as condições objetivas. Para resolver a questão do conhecimento objetivo a autora ancora a sua posição no pensamento de Descartes, na assertiva: **Penso, logo existo**. Justifica que a busca da totalidade leva o conhecimento ao caos. Esse todo caótico precisa ser ordenado, as dúvidas precisam ser comprovadas, testadas e avaliadas, o que exige a busca de um paradigma filosófico, onde a razão para olhar o real é ponto fundamental e não há espaço para a subjetividade que permanece adormecida. Nessa abordagem filosófica o mim mesmo, o eu, o sou são reduzidos ao penso, o que quer dizer que somente conheço quando penso.

A autora diz que a subjetividade é despertada pela Psicologia, ciência criada no início do século XX, que não dá conta de resolver o impasse da crise da ciência pois ela é construída a partir de critérios clássicos da objetividade, assim radicaliza a polaridade ciência/existência. Contudo, afirma que a superação dessa dicotomia já se anuncia como possibilidade em alguns segmentos das novas ciências, apesar da permanência de alguns equívocos teóricos. Na medida em que as ciências avançam, mais explícitas vão se tornando as hipóteses da interdisciplinaridade. Nesse ponto, é interessante observar que a interdisciplinaridade é colocada, pela autora, como saída para resolver

a questão da produção do conhecimento científico.

O movimento vivido pela interdisciplinaridade é apresentado, pela autora, subdividido em três décadas: 1970, 1980, 1990.

- 1970, momento em que se partiu para uma construção epistemológica da interdisciplinaridade, caracterizado pela busca de uma explicitação filosófica.

Neste período, os pesquisadores procuravam uma definição de interdisciplinaridade e esta década pode ser grosseiramente indicada como a década da estruturação conceitual, cuja preocupação fundamental era a explicitação terminológica que implicava em compreender a palavra “**interdisciplinaridade**” nos seus aspectos semântico e ortográfico.³

- 1980, momento para a explicitação das contradições epistemológicas decorrentes da construção do período anterior, caracterizado pela busca de uma matriz sociológica. Os pesquisadores tentavam explicitar um método para a interdisciplinaridade.

- 1990, momento atual em que se tenta construir uma nova epistemologia, a própria interdisciplinaridade. Caracterizado pela busca de um projeto antropológico, onde se parta para a construção de uma teoria da interdisciplinaridade.

Apesar da autora, para fins didáti-

³No Brasil a palavra aparece escrita de duas formas: interdisciplinaridade (traduzida do Inglês e Francês) e interdisciplinarietà (traduzida do Espanhol).

cos, caracterizar esses três momentos de forma distinta, penso que as buscas em cada período estão imbricadas, ocorrendo apenas a ênfase de determinado aspecto o que leva um momento a se diferenciar do outro.

O movimento da interdisciplinaridade surge na Europa, especificamente França e Itália, em meados da década de 60, época em que ocorrem os movimentos estudantis reivindicando um novo estatuto de Universidade e de Escola. No bojo desse movimento, alguns professores propõem o rompimento com uma forma de educação que privilegiava o “capitalismo epistemológico”, onde a Ciência era multipartida o “**que incitava o olhar do aluno numa única, restrita e limitada direção**”(p.19), postura denominada por Japiassú de “patologia do saber⁴”, é desse autor a primeira produção significativa sobre o tema no Brasil.

É importante registrar, que as discussões chegam no Brasil na década de 60 com sérias distorções. A palavra interdisciplinaridade, neste período, virou modismo e o vocábulo passou a transitar por todos os textos das reformas educacionais empreendidas em 1968 e 1971. No entanto, não houve um avanço da compreensão das implicações teóricas da interdisciplinaridade. Ainda, na década de 70, aparece o trabalho de dissertação de mestrado da autora, cuja

discussões permaneceram mais no trato das questões à conceituação do vocábulo do que à metodologia. Na década de 80, havia inúmeras dicotomias que, segundo a autora, precisariam ser enfrentadas. Entre elas: teoria/prática, verdade/erro, certeza/dúvida, processo/produto, real/simbólico, ciência/arte. Essas dicotomias constituíram-se em objeto de reflexão e pesquisa da autora. Foram elas que passaram a orientar todo o processo investigativo por ela produzido.

FAZENDA afirma que “**os anos 90 representam o ápice da contradição para estudos e pesquisas sobre interdisciplinaridade.**” (p.34). Essa contradição é marcada pela proliferação indiscriminada das práticas intuitivas. O número de projetos educacionais que se intitulavam interdisciplinares cresceu, numa progressão geométrica, surgiam da intuição ou da moda, sem intenções explícitas, apoiando-se numa literatura provisória difundida. Para reversão desse quadro um dos caminhos abertos, pela pesquisadora/autora, foi a criação do Núcleo de Estudos e Pesquisas composto de mestrandos e doutorandos da PUC/São Paulo. Neste espaço, há desenvolvimento de pesquisas que procuram explicitar o caminho percorrido em práticas interdisciplinares. A produção acadêmica desse núcleo é apresentada ao leitor no último capítulo do livro, que traz um resumo das pesqui-

⁴ Ver JAPIASSÚ, J. Interdisciplinaridade e Patologia do saber. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

sas desenvolvidas pelo grupo. O leitor lê o capítulo num fôlego só e se impressiona, pelo jeito, muito singular, como Ivani Fazenda trata seus orientandos e o seu objeto de estudo. O entusiasmo é tão eloqüente que dá a impressão que a questão “interdisciplinaridade” passou para a autora para o campo da fé. A sua postura “holística” está prenhe de religiosidade.

Esse holismo fica bem marcado quando a pesquisadora/autora sugere o mergulho no interior de cada um, para a busca da metáfora que vai permitir traçar relações para compreender o real. Penso, que esse posicionamento, é também um mergulho na filosofia do sujeito. Por mais que a autora defenda a posição de alteridade como saída da polaridade entre objetividade e subjetividade, ela tende, quase sempre, a valorizar o polo subjetivo.

A professora Ivani Fazenda discute a categoria IDENTIDADE, com o intuito de delinear o perfil do professor que tem uma postura interdisciplinar. Esse professor tem como características:

- a) o gosto por conhecer;
- b) o compromisso com seus alunos;
- c) a marca da solidão e da resistência;
- d) trabalhar muito.

Para a autora

Competência, envolvimento, compromisso marcam o itinerário des-

se profissional que luta por uma educação melhor; afirmando-a diariamente (p.49).

Essas características trazem a marca da subjetividade, parece que tudo tende a ficar na vontade do sujeito e no esforço individual. Esse professor se diferencia dos demais por “seu empenho pessoal”. Ele trabalha muito, e seu trabalho acaba por incomodar os que têm a acomodação por propósito. Pergunto: e as condições objetivas? Não contam?

Um outro ponto, que não descarta essa marca, da vontade e do esforço pessoal, é a crença da autora de que o trabalho interdisciplinar exige a necessidade de um projeto em parceria, coletivo e que leve em consideração projetos pessoais de vida. Aqui, também, há o risco de transformar a interdisciplinaridade num grande sopão epistemológico e metodológico, isto é, numa mistura de conteúdos ou métodos de diferentes disciplinas ou mesmo confundir interdisciplinaridade com técnica didática.

Penso, que a base para ações interdisciplinares, não pode estar na consideração de que as ciências são fragmentadas, mas na consideração de que interdisciplinaridade é forma de organização do mundo. A linguagem é que possibilita essa organização, pois os homens na busca de satisfazer suas múltiplas e sempre históricas necessidades de natureza biológica, intelectual, cultural, afetiva, estética estabelecem as mais diversas relações

sociais pela linguagem. Portanto, ela é categoria fundamental da interdisciplinaridade.

A autora discute esse ponto, tomando a prática de leitura como forma de passar de um saber setorizado a um conhecimento integrado, a uma intersubjetividade. Assim, a leitura é tomada no sentido de comunicação, como uma intersubjetividade, que possibilita a troca de experiências. Afirmo que estabelecemos

o valor da linguagem como elaboradora da história e do próprio homem, ressaltamos o papel da leitura em tornar o homem mais consciente, mais responsável, mais dinâmico, interferindo no processo da vida. (p.59).

O conceito de leitura, explicitado pela autora, é bem abrangente, atual ela não ignora que a leitura é uma atividade eminentemente polimorfa que desencadeia processos interiores que permitem ao leitor penetrar nas entranhas dos fenômenos da realidade, num processo de significação que provoca mudanças nas representações do leitor. Nesse sentido, a leitura permite relações entre o mundo subjetivo, isto é o conhecimento que está por trás dos olhos e o mundo objetivo que são as informações diante dos olhos. Caminhando nessa direção, a autora expressa o valor da leitura quando diz que **“a leitura é o veículo por excelência por meio do qual o homem pode se expressar e conhecer a ex-**

pressão do outro. “(p.58).

Finalizando, penso que é indiscutível a contribuição teórica-prática desta obra de Ivani Fazenda para a educação em função do interesse e relevância que os professores e a própria pesquisadora dá ao tema. É importante registrar, ainda, que Ivani Fazenda é considerada a profissional da educação, no Brasil, que tem mais refletido em torno do objeto interdisciplinaridade. No entanto, é preciso descartar a crença de que a interdisciplinaridade é a fórmula mágica para tirar a educação da caminhada em direção ao abismo ou até mesmo, a solução para todos os seus problemas.

Isso vale dizer, que não se pode considerar a interdisciplinaridade separada da história. Não se pode esquecer que o processo de fragmentação do conhecimento caminhou lado a lado com o processo de fragmentação do trabalho. Na formação do professor o conhecimento foi fragmentado em diversas áreas. Nesse sentido, não se justifica lamentar a unidade perdida, até porque o genérico e o específico não são excludentes. A interdisciplinaridade pode ser conquistada mediante uma atuação individual ou coletiva, tendo como ponto de partida a criação de espaços de pesquisa, seja na escola de ensino fundamental ou na Universidade. Partindo desse ponto de vista, a interdisciplinaridade é tomada como princípio válido para a produção do conhecimento e mais concretamente para a pesquisa, rompendo com a visão in-

gêna que trata a interdisciplinaridade como método didático.

REFERÊNCIAS
BIBLIOGRÁFICAS

- 1 FAZENDA, Ivani C. Arantes.
Interdisciplinaridade: História, Teoria e Pesquisa.
Campinas: Papyrus, 1995.
- 2 JANTSCH, Ari Paulo et BIANCHETTI, Lucídio. (Orgs).
Interdisciplinaridade - Para além da filosofia do sujeito.
São Paulo: Vozes, 1997.